

## Os aspectos sociocomunicativos, composicionais e dialógicos do gênero miniconto

Júlio César de Carvalho Santos – Universidade de Taubaté – Unitau  
Vânia de Moraes – Universidade de Taubaté - Unitau

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo verificar as características do gênero miniconto, a partir de seus aspectos sociocomunicativos, composicionais e dialógicos. Os problemas que motivaram esta pesquisa foram a ausência de divulgação do gênero miniconto no cenário escolar e a falta de material teórico que caracterize o gênero, a partir da perspectiva bakhtiniana. Do ponto de vista teórico, este trabalho se fundamenta a partir das concepções bakhtinianas de linguagem e dos estudos de caracterização de gênero discursivo.

**Palavras-chave:** Gêneros discursivos, Minicontos, Dialogismo.

## The social-communicative, compositional and dialogical aspects of flash fiction genre

### Abstract

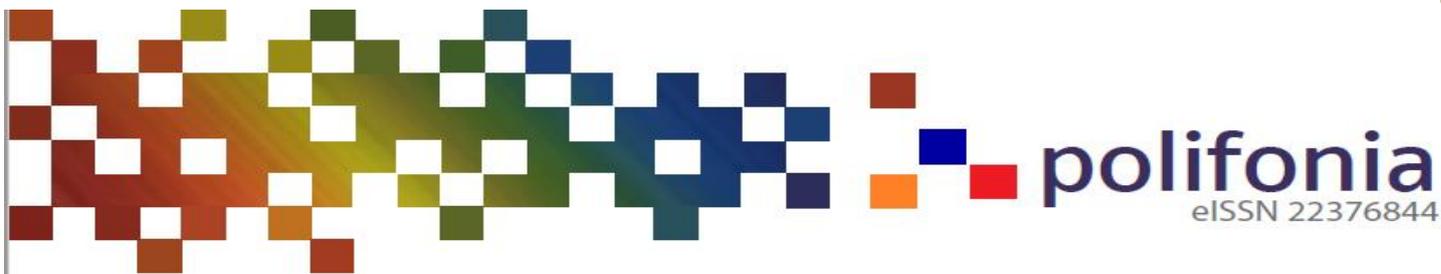
This work has as objective to verify the characteristics of flash fiction genre from its social-communicative, compositional and dialogical aspects. The problems that motivated this research were the lack of disclosure of the flash fiction genre at the school scenario and the lack of theoretical material which characterizes the genre from the Bakhtinian perspective. From the theoretical point of view, this work is based on Bakhtinian conceptions of language and the studies of discursive gender characterization.

**Key words:** Discursive genres, Flash fictions, Dialogism.

## Los aspectos sociocomunicativos, composicionales y dialógicos del género microcuento

### Resumen

Este trabajo tiene como objetivo verificar las características del género microcuento, a partir de sus aspectos sociocomunicativos, composicional y dialógico. Los problemas que motivaron esta investigación fueron la ausencia de divulgación del género microcuento en el escenario escolar y la falta de material teórico que caracterizó el género desde la perspectiva bakhtiniana. Desde el punto de vista teórico, este trabajo se fundamenta a partir de las



concepciones bakhtinianas de lenguaje y de los estudios de caracterización de género discursivo.

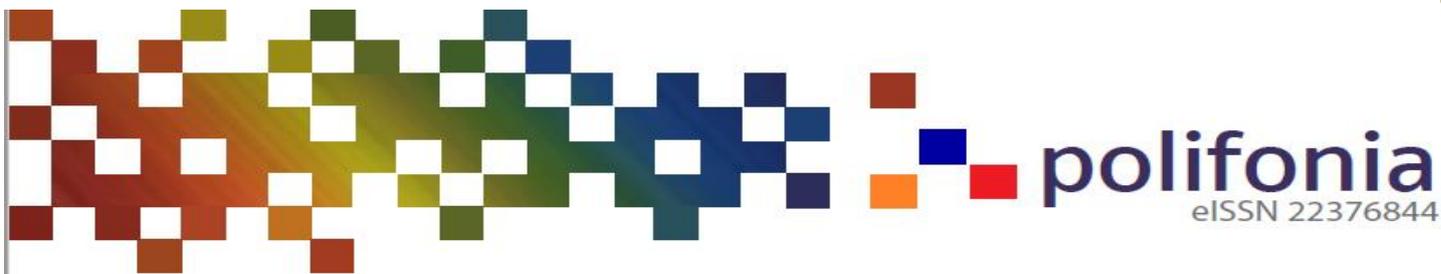
**Palabras clave:** Géneros discursivos, microrrelato, dialogismo

## 1. Introdução

Ao inserir o miniconto às aulas de leitura no Ensino Fundamental e Médio, é preciso considerar que atribuindo ao miniconto uma investigação que foque apenas em avaliar estruturalmente sua composição textual, não serão averiguados todos os recursos que esse pequeno texto traz, e conseqüentemente, serão desperdiçados itens primordiais em sua análise, como: suas condições de produção e circulação, seu estilo e seu propósito comunicativo. Para este trabalho, portanto, optou-se por estudar o miniconto, sob o conceito de gênero discursivo, proposto por Bakhtin e seu Círculo.

Para Bakhtin (2011), a língua é um fenômeno social, ou seja, ela está carregada de valores oriundos das relações sociais (fatos históricos, comportamentais e culturais). Fiorin (2009) apresenta que, à luz da teoria de Bakhtin, o papel primordial da linguagem é a comunicação e em decorrência dessa posição, o autor explica que o posicionamento de Bakhtin trouxe a discussão de que todo indivíduo está situado em determinada abrangência social, logo, o modo como ele se manifesta, por meio da linguagem, revela o seu posicionamento na sociedade. Em oposição às reflexões estruturalistas da língua, o teórico trouxe o conceito de enunciação - interação verbal dos indivíduos organizados socialmente.

Desse modo, o conceito de linguagem, por sua vez, vai além dos elementos estruturais. Não se analisa a linguagem apenas pela formação de elementos sintáticos e morfológicos, e sim a partir do enunciado, que, segundo Bakhtin (2011, p. 274), “é a real unidade de comunicação discursiva”. A investigação do enunciado, ao contrário da forma estruturalista, prestigiará situações como: as condições de produção e circulação, o propósito comunicativo, as formas linguísticas e o estilo. Estudos focados em teorias que não permitem analisar o dinamismo que a produção textual carrega, revelam um grande déficit investigativo. Bakhtin (2011) salienta que os textos devem ser averiguados e apoiados sobre o conceito de gênero, que, segundo o autor, são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p.262).



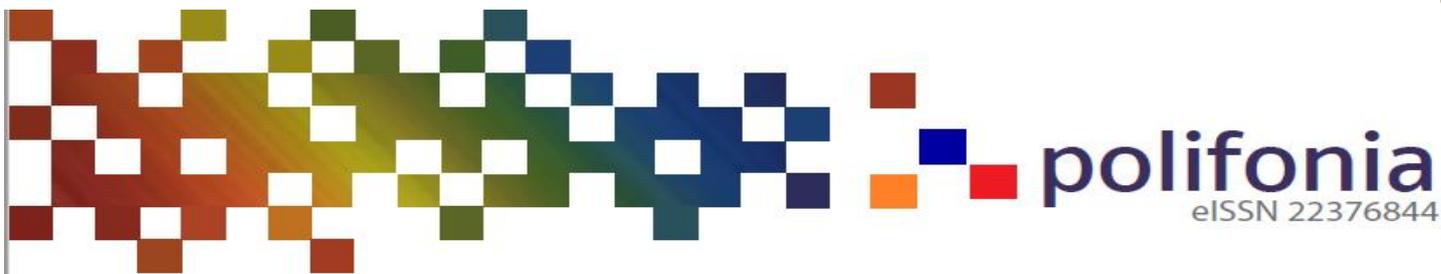
O fato de o gênero ser relativamente estável significa de algum modo uma forma de organização dos textos. É claro que a antiga organização estruturalista encadeada sob a perspectiva de três grandes blocos: dissertativos, narrativos e descritivos não atende a realidade da grande variedade de texto que existe, todavia, é necessário haver uma referência para que o leitor possa correlacionar essas diversas modalidades textuais. O gênero carta, por exemplo, é de fácil identificação por parte do leitor. Nele, encontram-se determinados traços que lhe são peculiares, contudo, cada produção deste gênero poderá trazer conteúdos temáticos diferentes, já que as cartas podem ter variáveis intenções: de amor, aviso de cobrança, de feliz aniversário, ou até mesmo podem compor uma poesia. Sendo assim, Schneuwly e Dolz (2004) ressaltam que, independente do gênero ser um tipo relativamente estável de enunciados, o mais valorativo é o gênero ser um instrumento de interação social.

Bakhtin (2011) considera que os gêneros não devem ser aprendidos de uma forma estática, mas sim, pelo viés dinâmico de sua produção. Dessa forma, corresponder uma análise do gênero, apenas atribuindo traços de caráter normativo, perdem-se características que um estudo padronizado não permite evidenciar.

Assim, um estudo direcionado ao gênero discursivo deve enaltecer os aspectos históricos, sociais, culturais e ideológicos (MELO, 2010). Em cada esfera da sociedade, há uma intervenção na utilização da linguagem na forma de enunciados (FIORIN, 2016), e esses enunciados são determinados pelas condições e finalidade de cada esfera. Isso vai decorrer nas diversas manifestações de linguagem que cada público exterioriza, pois na produção de enunciados são encontradas inserções que destacam como cada esfera faz uso da linguagem. De acordo com Bakhtin (2011, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Como retratado, a língua sofre interferência do meio social, histórico e político. Sabe-se que, dependendo do lugar, do acesso à educação, cultura e tecnologia das informações, o indivíduo tem um modo característico de se expressar. Por conseguinte, essas manifestações carregarão influência da vivência de cada grupo, incluindo gírias, variações linguísticas, históricas, regionais e etc.



Os enunciados são produzidos, por intermédio de valores mediados por uma situação de uso social; conseqüentemente, para haver uma boa interpretação do contexto pretendido pelo emissor, esses traços não devem ser desconsiderados, uma vez que a intencionalidade do enunciado poderá propor referências que se diferem, a priori, de uma situação textual corriqueira, assim como ocorre no miniconto, a seguir:

**CLASSIFICADO:**

*Procuro trabalho. Aceito qualquer um oferecido.*

*Pedi esmola para pagar este anúncio.* (ROSATTO, 2012, p. 16)

Ao ler o título “Classificado”, o leitor poderá atribuir que se trata da venda de algum produto, uma oferta de emprego, ou até mesmo algum profissional oferecendo seus serviços, como no texto apresentado. Todavia, recursos diferentes se apresentam na composição do texto e se tornam desiguais dos classificados comumente vistos. Desse modo, classificar esse gênero apenas pelo título que carrega, sem mensurar o propósito singular proposto pelo autor, se perderia o seu caráter criativo. Com este exemplo, pode-se notar que o gênero miniconto tem como uma de suas peculiaridades desenvolver propósitos contextuais diversos.

Sendo o enunciado carregado de valores ideológicos pertencentes à realidade social em que o seu produtor vivencia, todo discurso produzido é carregado de simbologias e, de certo, estabelece uma relação entre o eu e o mundo. Na próxima seção, discute-se o que Bakhtin considera como Dialogismo.

## **2. O Dialogismo: o discurso como expressividade do eu e o mundo**

Todo discurso, seja ele oral ou escrito, é permeado de indícios de outros discursos. Não existe, de fato, um discurso que não obtenha alguma referência provinda de outras atividades discursivas. Esse processo acontece, porque os agentes da comunicação estão inseridos socialmente, logo, em todo discurso produzido há marcas de uma interação com outras vozes que, de acordo com Wachowicz (2012, p. 28):

[...] a comunicação humana não pode ser concebida simplesmente como manifestação e decodificação de informação. Há agentes envolvidos, que participam do processo comunicativo no controle do gênero, na apreensão da situação social e também na leitura das vozes implícitas ou explícitas que compõem o discurso.



Para Bakhtin (2011), todo enunciado é composto por palavras ou pensamentos que são provenientes de outros enunciados, ou seja, um enunciado não é produzido em um vazio, sempre se remete a algo já proferido. Perante essas relações que se remetem a outros discursos, discorre-se sobre o conceito de Dialogismo, que segundo Brait (2005, p. 94-95):

[...]diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

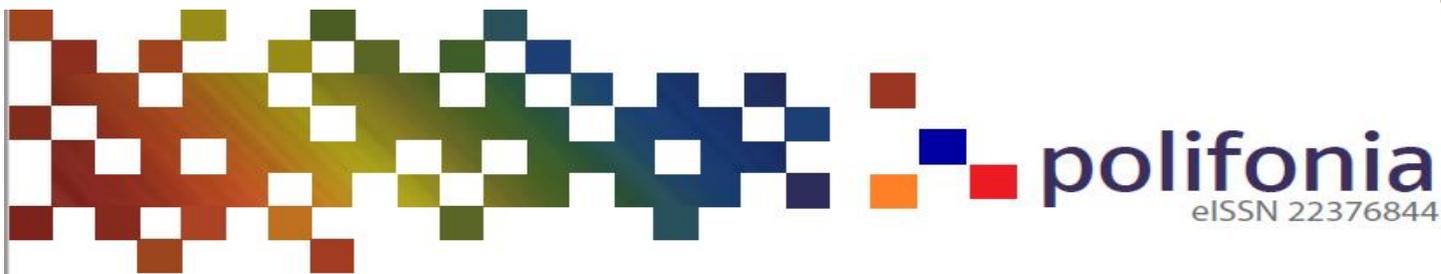
Tudo aquilo que se produz ou foi produzido tem influência de outras vozes, sendo o enunciado carregado de valores ideológicos, sociais e culturais, esses valores não apenas identificam o emissor, como também, influenciam os pensamentos para a produção de outros discursos.

Embora não seja possível se desvincular de outros discursos, isso não significa aceitar o que esses discursos defendem. Às vezes, a referência feita, mesmo que involuntariamente, não tem como propósito apenas a aceitação, e sim, tratar o discurso alheio como o inverso do que se defende.

Segundo Brait (2005, p. 93), “a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado”. Como seres repletos de valores sociais e históricos na prática da linguagem, é possível proferir opiniões a partir do pensamento de alguém. Nessa relação interdiscursiva, o discurso do outro poderá ser o fundamento para o posicionamento que se quer defender ou refutar.

Fiorin (2016), ao retratar sobre o terceiro conceito de Dialogismo proposto por Bakhtin, apresenta como é inferido o posicionamento do sujeito a partir da relação dialógica que se estabelece com outros discursos:

A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com outro(s). O sujeito vai constituindo-se discursivamente, aprendendo vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é formado de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com o outro, o mundo interior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser, porque o conteúdo discursivo da consciência vai alterando-se. (FIORIN, 2016, p.61).



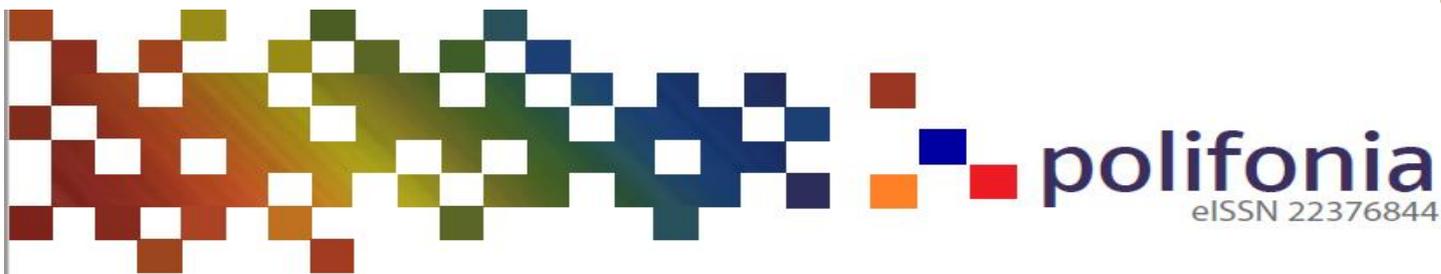
O sujeito se torna agente de seu próprio discurso mesmo que não haja concordância com o discurso no qual se baseou. Essa habilidade de produzir discursos a partir de outros, e por meio deles poder se posicionar, faz com que o enunciado produzido seja sempre carregado de considerações que já foram discutidas e a partir delas se criem novas relações dialógicas que comporão novos enunciados.

Essas relações dialógicas estão presentes e se fazem necessárias em muitas produções de minicontos quando o objetivo, por exemplo, seja retratar uma opinião crítica a respeito de determinado fato político ou social. Sem se estabelecer essa concepção dialógica, o leitor não será capaz de se posicionar sob o tema proposto no texto e também terá dificuldades em compreender o que o autor intrinsecamente quis proferir no conjunto de suas ideias.

O texto, a partir das indagações mencionadas por Bakhtin (2011), ilustra que perante a questão da leitura, o entendimento de um enunciado está compartilhado a uma atitude responsiva ativa do leitor, ou seja, o leitor carrega com ele conhecimentos capazes de articularem com os ideais do enunciador. Por isso, um leitor mais crítico é capaz de realizar uma leitura mais assertiva de um texto, e a partir daí, resgatar o que de fato ele atribui como importante ou irrelevante ao conhecimento.

O leitor atribui na leitura seu conhecimento e dialoga o tempo todo com o texto; todavia, esse posicionamento do leitor deve se atentar a *intentio operis*, ou seja, a intenção proposta pelo autor. “Assim, os limites da interpretação não permitem que, no processo de leitura, se façam associações livres ou que se considerem simbólicas as unidades isoladas”(FIORIN, 2009, p.49).

As relações dialógicas são essenciais para a compreensão do texto; o leitor exerce uma posição ativa no processo de leitura e a partir desse posicionamento consegue assimilar a proposta pretendida pelo autor aceitando-a ou não. Fiorin (2009) sugere duas maneiras de o leitor se estabelecer diante ao texto. A primeira de forma monológica, influenciada pelas chamadas vozes de autoridade cuja aceitação torna-se indiscutível; e a segunda, com uma consciência dialógica proveniente das vozes internamente persuasivas em que o leitor consegue observar na leitura não apenas uma voz que dita determinados fatos, e sim, a



presença de vozes que se permitem modificar, que para Fiorin (2009) constrói a liberdade da alma.

### 3. Procedimentos para caracterização de gênero discursivo

Bakhtin (2011) assevera que compreender um gênero discursivo significa considerar os seus elementos estáveis e suas variações. Essas variações são influenciadas, principalmente, pelo contexto histórico-social em que o gênero se insere. Diante disso, Brandão (2000) afirma que o gênero deve ser trabalhado por meio de uma perspectiva discursiva em que sejam consideradas as suas concepções sócio-históricas (influenciadas por uma determinada cultura) e por sua materialidade linguística, manifestada em diferentes formas de textualização.

Desse modo, a análise de um gênero a partir de uma investigação estruturalista, cujo objetivo seja apenas destacar a materialidade linguística descontextualizada ou a sua estrutura, perde-se a oportunidade de se verificar itens importantes à constituição do gênero. Nesta pesquisa, com a finalidade de propor uma análise do gênero a partir dessa perspectiva discursiva, serão abordadas as contribuições de Lopes-Rossi (2006), Sobral (2009) e Lima (2014), sobre os procedimentos de caracterização de um gênero discursivo, por intermédio do conceito de gênero discursivo, apresentado por Bakhtin (2011).

Lopes-Rossi (2006) lembra que mesmo o professor tendo uma excelente formação e conhecimento de diversos gêneros discursivos, há a necessidade de algum gênero ser analisado, por meio de critérios mais específicos ao trabalho pedagógico. Com o intuito de auxiliar o professor nessa análise, a autora aponta que, para início da caracterização de um gênero discursivo, é viável considerar os aspectos sociocomunicativos (condições de produção e circulação, temáticas e propósito comunicativo) e, posteriormente, destacar os aspectos linguísticos e a construção verbal e não-verbal do gênero.

O primeiro procedimento, proposto por Lopes-Rossi (2006), refere-se à escolha de um *corpus* para análise do gênero escolhido, atentando-se à seleção de textos que contenham fontes e autores diferentes, com a intenção de garantir possíveis variações do gênero. Sobral (2009, p. 89-90) salienta, também, a importância dessa escolha para uma investigação mais precisa do gênero discursivo, segundo o autor:



[...] deve-se sempre considerar mais de um texto de um gênero quando da análise de um deles, porque a análise de um só texto no âmbito do gênero é uma exemplificação válida de análise “genérica”, mas pode criar dificuldades para desvelar elementos válidos em termos de gênero, dado que nenhum texto é em princípio típico de um dado genérico, apesar das cristalizações de formas de alguns gêneros.

Em seguida, Lopes-Rossi (2006) mostra que para o estudo do contexto enunciativo é necessário considerar três elementos: a finalidade comunicativa, o tema e as condições de produção e circulação do gênero discursivo.

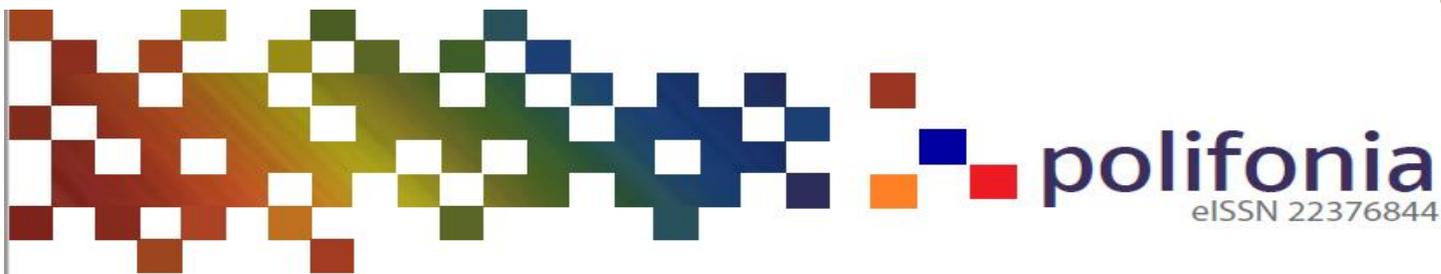
A finalidade comunicativa refere-se à função do gênero na sociedade, que conforme a autora, “todo gênero tem uma função comunicativa que é sua característica principal” (LOPES-ROSSI, 2006, p. 4). Quanto ao tema, salienta que é primordial determinar quais as temáticas possíveis do gênero, de acordo com o seu propósito comunicativo, que podem ser apenas uma ou várias.

A análise das condições de produção e circulação é apresentada por Lopes-Rossi (2006) como um procedimento que busca detalhar mais cuidadosamente a inserção dos gêneros discursivos nas práticas sociais. Para isso, a pesquisadora recomenda algumas questões, como:

Quem escreve (em geral) esse gênero discursivo? Onde? Quando? Com base em que informações? Como o redator obtém informações? Quem lê esse gênero? Por que o faz (com que objetivos o lê?) Onde o encontra? Que tipo de resposta pode dar ao texto? Que influência pode sofrer devido a essa leitura? (LOPES-ROSSI, 2006, p.4).

Os procedimentos de estudo do contexto enunciativo, conforme Lopes-Rossi (2006, p.4), “dependem muito mais de um conhecimento de mundo de como o gênero ‘funciona’ na sociedade atual do que precisamente da leitura detalhada dos exemplos selecionados”. Esses elementos são considerados pela autora como aspectos sociocomunicativos do gênero.

As características composicionais do gênero, apontadas por Lopes-Rossi (2006), são identificadas por uma leitura global dos exemplos escolhidos para análise, a fim de verificar os elementos verbais e não-verbais, em relação ao posicionamento e ao tamanho (título, gráficos, ilustração, cores, tabelas, etc.) e às características do suporte adequado ao gênero analisado.



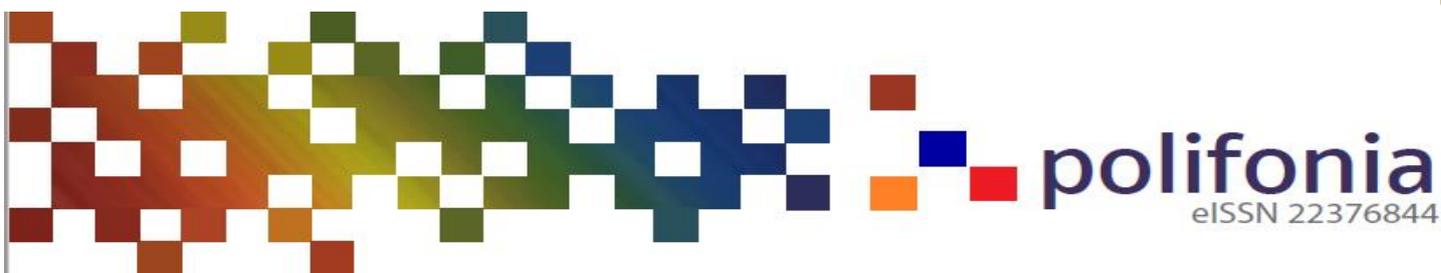
Dois outros procedimentos expostos por Lopes-Rossi (2006) são: as características do texto verbal e dos elementos não-verbais do gênero e o conhecimento das características linguísticas. O primeiro é identificado, a partir de uma leitura mais detalhada, observando como as informações são distribuídas no suporte. A autora relata que para o texto verbal “deve-se perguntar com que informações começa, como se desenvolve, como termina, qual o padrão geral de organização do texto ou quais variações” (LOPES-ROSSI, 2006, p. 5). O seguinte, tem como objetivo, por intermédio de uma leitura minuciosa, observar os aspectos linguísticos do gênero: a formalidade textual, o vocabulário, a construção das frases, pontuação, etc.

Por último, Lopes-Rossi (2006) destaca a importância das marcas enunciativas típicas do gênero, por revelarem: a identificação da imagem que o enunciador quer transmitir, a imagem que ele atribui ao co-enunciador, o tom do texto, como o autor se mostra ou se oculta, a impessoalidade das formas verbais e a modalização do discurso.

Assim como Lopes-Rossi (2006), Sobral (2009), com o objetivo de caracterizar o gênero discursivo, apresenta dois princípios, que segundo o autor, são necessários para a caracterização do gênero. O primeiro engloba a esfera de atividade em que o gênero circula (princípio macrogenérico) e o outro, chamado de princípio microgenérico, visa analisar os aspectos referentes à materialidade textual.

De acordo com Sobral (2009, p.89), uma investigação macrogenéricabusca:

1. Determinar em que esfera(s) de atividade se situa o gênero que mobiliza o texto a ser analisado, a fim de descrever sua forma específica de realização de atos discursivos num dado momento histórico;
2. Desvendar o que confere, no âmbito da esfera, certas características ao gênero, reconhecendo com isso que esfera e gênero se constituem mutuamente;
3. Examinar à luz desses elementos, as discursividades que se manifestam e as textualidades mais ou menos típicas do gênero em análise, levando em conta as discursividades e textualidades que se fazem presentes em diferentes gêneros;
4. Partir ao mesmo tempo do particular (o texto dado) para o geral (o postulado a ser descoberto no plano do discurso do ponto de vista do gênero), ou seja, das marcas que a enunciação deixa nos enunciados, e do geral (o contexto em sentido amplo) para o particular (a inserção do texto



num dado contexto), a fim de dar conta de o fato de que o extradiscursivo só existe no discurso intradiscursivizado, mas nem por isso é menos extradiscursivo (e vice-versa).

Quanto a uma análise microgenérica, consoante Sobral (2009, p.92), deve-se:

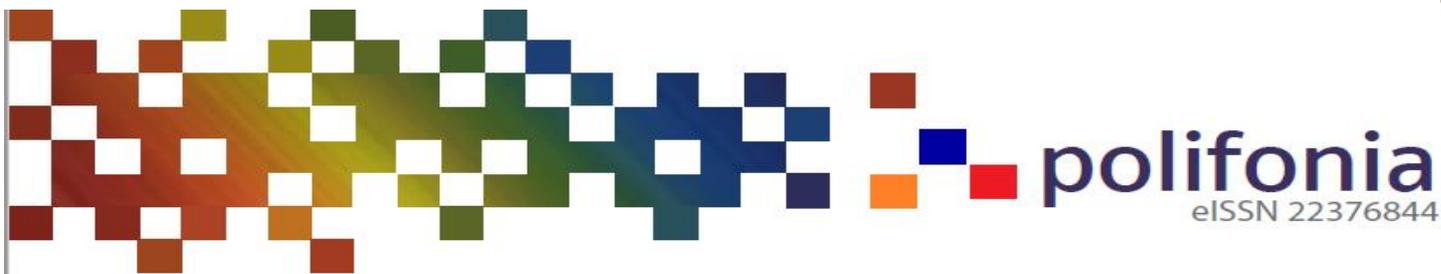
1. Analisar qualitativamente elementos que permitam caracterizar os textos como membros de um gênero, e revelar suas especificidades como gênero em termos da esfera de produção, circulação e recepção;
2. Analisar as estratégias de inter-auto-formação dos textos a partir do gênero;
3. Analisar os modos específicos de esse gênero criar interação(ões) locutor-interlocutor, ou seja, as formas de autoatribuição de competência enunciativa pelo autor objetivado;
4. Analisar os modos específicos de o locutor buscar levar o interlocutor a aceitar as “teses” defendidas em seu projeto enunciativo o âmbito do gênero.

Sobral (2009), em sua proposta de caracterização de gênero discursivo, busca destacar os princípios de como o texto se materializa como gênero, por meio da influência sócio-histórica e como o gênero pode ser visto por seus aspectos de produção, circulação e recepção, a partir de uma resposta ativa do interlocutor.

Além das contribuições de Lopes-Rossi (2006) e Sobral (2009), Lima (2014) propõe quatro dimensões de análise, que o autor considera indissolúveis à constituição do gênero. A primeira, *relação interlocutiva*, refere-se à forma mutável de o locutor e o interlocutor dialogarem. Em Lopes-Rossi (2006), trata-se das condições de produção e circulação do gênero. A segunda, *construção composicional*, tem como referência uma análise sobre a organização do verbal e não-verbal que compõem o enunciado. A terceira, *conteúdo temático*, trata-se do sentido e significações do material verbal no contexto e a última, *estilo*, está relacionada a como os sujeitos falantes tomam enunciados e gêneros para compô-los em situações que atinjam determinados objetivos comunicativos.

Conforme os autores citados, conclui-se que o gênero deve ser caracterizado por meio de elementos que considerem seus aspectos sociocomunicativos (as condições de produção e circulação, a temática e o propósito comunicativo) e os aspectos composicionais (a constituição dos elementos verbais e não-verbais). Nesta pesquisa, optou-se em caracterizar o gênero miniconto de acordo com as características propostas por Lopes-Rossi (2006).

#### **4. A caracterização do gênero discursivo miniconto**



Caracterizar o miniconto como gênero discursivo permite que o professor que desejar trabalhar com esse gênero em sala de aula possa obter informações que o auxiliem em sua prática pedagógica. O miniconto, apesar de ter uma grande circulação entre os leitores mais jovens, dificilmente, é encontrado como uma proposta de leitura em materiais de apoio pedagógico. A seguir, serão apresentados os aspectos a serem considerados para a caracterização do miniconto como gênero discursivo.

#### 4.1 Os aspectos sociocomunicativos do gênero miniconto

Conforme as contribuições de Lopes-Rossi (2006) procede-se a caracterização do gênero miniconto, inicialmente, apontando os seus aspectos sociocomunicativos. Dessa forma, abordam-se as características de suas condições de produção e circulação, temática e finalidade comunicativa.

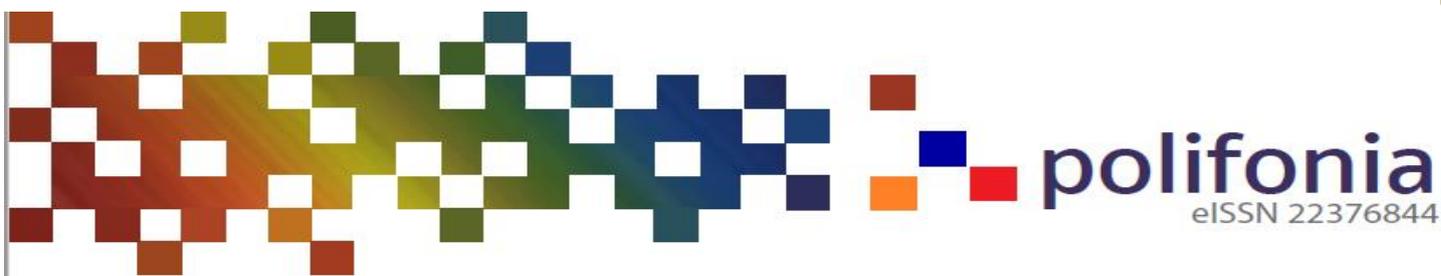
Para início da caracterização do gênero miniconto, é importante salientar o seu contexto histórico. Segundo Dias *et al.* (2012, p. 80), “o gênero miniconto teve início em 1959, com o guatemalteco Augusto Monterroso, que escreveu o miniconto ‘O dinossauro’, considerado um dos menores de que se tem notícia”. O autor, em apenas uma linha, escreveu: “Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá”<sup>1</sup>.

No Brasil, na década de 1970, Dalton Trevisan escreveu minicontos que foram publicados na antologia *O conto brasileiro contemporâneo*, de Alfredo Bosi. Apesar de não serem identificados a priori como minicontos, os textos já evidenciavam uma tendência minimalista na arte de escrever de Trevisan, que consoante Sanches Neto (1996, p. 126), Trevisan se portava “fora da concepção tradicional do conto, criando uma forma de expressão pessoal que põe em xeque os parâmetros da crítica”.

De acordo com Spalding (2012), quatro contos produzidos por Trevisan para a coletânea de Alfredo Bosi eram constituídos por menos de duas páginas, sendo eles: “Cemitério de Elefantes”, de 1964 e “O Apelo”, “O Ciclista” e “Bonde”, de 1968. Esses contos, embora não fossem reconhecidos como miniconto pela crítica da época, já caracterizavam a brevidade dos textos do autor.

---

<sup>11</sup> Fonte: <<http://www.letraseartes.com.br/2013/09/quando-acordei-o-dinossauro-ainda.html>>. Acesso em 24 de set. 2017



Contudo, foi com a obra *Ah, é?*, de 1994 que Trevisan apresentou o seu lado mais enxuto de escrever. Marchi (2003, p.89) relata o impacto que essa obra trouxe por seu contexto minimalista repleto de significados e provocações. Segundo a autora, em *Ah, é?*: “O real e o natural de Trevisan é alucinante: rompe com as formas canônicas do conto, do romance e mesmo do haicai [...], fragmentadas em 187 trechos, fugindo da representação da realidade pela via linear”.

Ao contrário dos contos de Trevisan publicados em *O conto brasileiro contemporâneo*, os minicontos apresentados em *Ah, é?* foram construídos com características mais próximas dos minicontos hoje encontrados. Trata-se de minicontos com um número reduzido de caracteres e com um formato bem característico de textos narrativos, assim como o apresentado a seguir:

*Domingo inteiro em pijama, coça o umbigo. Diverte-se com os pequenos anúncios.  
Em sossego na poltrona, entende as borbulhas do gelo no copo de bebida. Uma velhice  
tranquila, regando suas malvas à janela, em manga de camisa. Única dúvida: ganhará o  
concurso de palavras cruzadas?*<sup>2</sup>

O miniconto descreve o relato de um idoso em um dia de domingo, o autor apresenta o personagem com uma única preocupação: se tornar um vencedor de palavras cruzadas. Apesar de ser uma narrativa breve, o texto apresenta o cenário e as ações da personagem.

Na literatura brasileira, Trevisan com a publicação de *Ah, é?* trouxe um novo formato para confecção de contos, assim como afirma Spalding (2012, p. 72) “a partir de *Ah, é?*, operou-se uma espécie de reinvenção do gênero em nossa literatura [...], pois diversos livros foram publicados a partir de então com minificções”. Entre eles, de acordo com o autor, destacam-se: Maria Lúcia Simões, *Contos contidos* (1994); as narrativas de João Gilberto Noll, *Relâmpagos* (1998); Luiz Arraes, *A luz e a fresta* (1999) e *Os cem menores contos brasileiros do século*, uma coletânea de minicontos elaborados por autores, como: Millôr Fernandes, Moacyr Scliar, Manoel de Barros e Dalton Trevisan, organizada por Marcelino Freire, em 2004.

Fora as obras mencionadas por Spalding (2012), destaca-se também a obra de Edson Rossato. Este autor, inicialmente, escreveu minicontos por meio de sua página no *Twitter* pelo

<sup>2</sup> Fonte: <[http://www.releituras.com/daltontrevisan\\_ahe.asp](http://www.releituras.com/daltontrevisan_ahe.asp)>. Acesso em 6 de nov. 2017.



usuário: @edsonrossatto. Essas postagens geraram, em 2012, a publicação de uma coletânea de minicontos chamada *Cem toques cravados*, pela Editora Europa.

Além desses livros destinados à produção de minicontos, esse gênero é veiculado, também, na internet. Essas produções, ao contrário, das mencionadas até aqui, são elaboradas por autores, em sua maioria desconhecidos, que criam os minicontos com utilização de pseudônimos ou os elaboram anonimamente.

Um dos ambientes virtuais mais utilizados para a confecção de minicontos é o *Twitter*. Essa rede social é um instrumento de divulgação do gênero miniconto por atender uma necessidade bem típica da contemporaneidade: a falta de tempo. Assim como, menciona Silva (2013, p. 83):

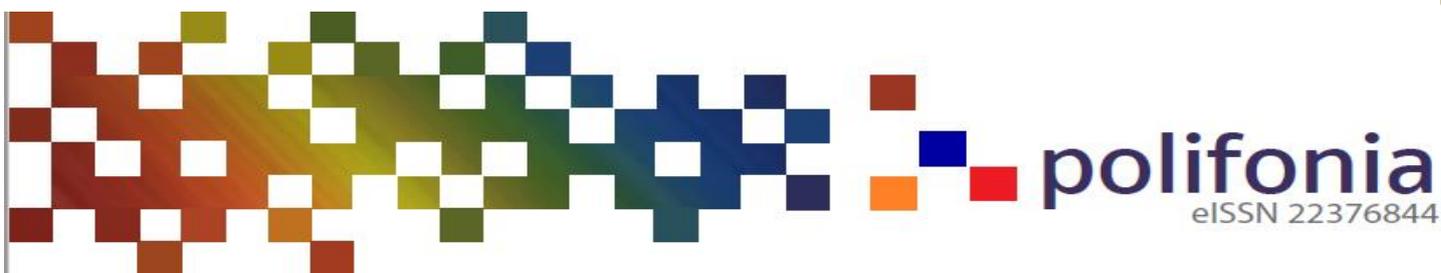
[...] o *Twitter* revela-se o gênero digital ideal para se trabalhar a leitura e escrita de microcontos, [...] a estrutura dos *twets* limitada a cento e quarenta caracteres adequa-se perfeitamente às micronarrativas, pois elas são capazes de condensar uma história em poucos caracteres.

Por ter um limite de caracteres, o *Twitter* – como suporte para a leitura e escrita de minicontos – atende às expectativas de um leitor cada vez mais propenso a pequenos textos.

Os teóricos do miniconto dizem que o gênero está voltado a uma “estética da brevidade”, atendendo ao culto da velocidade e de uma cultura de impacto. Segundo Ferraz (2007, p.38), “uma das recorrências do miniconto, é a surpresa do fim do texto. Com a vantagem de não se precisar ler 345 páginas até chegar a ela”.

Desse modo, pode-se mensurar que o propósito comunicativo desse gênero é entreter, fazer o leitor refletir sobre o tema, despertar emoções a partir de uma leitura concisa e significativa. Ferraz (2007, p. 38) sob essa ótica considera:

Dá para comparar um miniconto a uma boa piada. Esta não pode ser comprida demais senão a atenção de quem a ouve vai para o espaço. Há uma história, na anedota, que pega o ouvinte de cara, desenvolve-se e fecha com uma frase surpreendente ou por uma situação inesperada dos personagens, provocando o riso pela surpresa. O miniconto, como qualquer ficção curta, tem de pegar o leitor de cara, com recursos expressivos capazes de interessá-lo a seguir o desenvolvimento da história até chegar a uma reviravolta que provocará a surpresa e que geralmente é o objetivo do escritor.



Spalding (2012) destaca que o miniconto apresenta particularidades que não se assemelham diretamente ao conto, que seria considerado o gênero mais próximo ao qual o miniconto poderia ser comparado. O conto possui uma quantidade mais acentuada de caracteres, não tem a necessidade de usar tantos implícitos como os recorrentes no mini conto e a estruturação de um texto narrativo fica mais evidente, o que no miniconto pode ficar subentendida.

Na definição apresentada por Bernardi (1999, p. 27), sobre o que venha a ser o conto: “uma narrativa mais curta que o romance, mas apresenta fundamentalmente os mesmos elementos que esse, ou seja, personagens, ação, tempo e espaço”, observa-se que esses elementos apontados como fundamentais para o conto, não são encontrados, prioritariamente, no miniconto.

Nesse impasse sobre o conceito de miniconto, na tentativa de esclarecer que o gênero tem características próprias e não pode ser catalogado como uma simples variação do conto, alguns autores desse gênero de minicontos sugeriram possíveis definições:

“É simples, são contos muito pequenos, limitados pelo tamanho mínimo” (FERRAZ, 2007, p.38). “O miniconto é uma estética própria da contemporaneidade e herdeiro do minimalismo” (SPALDING, 2008, p.9). “Uma forma compacta, de no máximo uma página, uma página e meia, com uma narrativa que contém início, meio e fim” (LAGMANOVICH, 2003 apud SPALDING, 2008, p. 16).

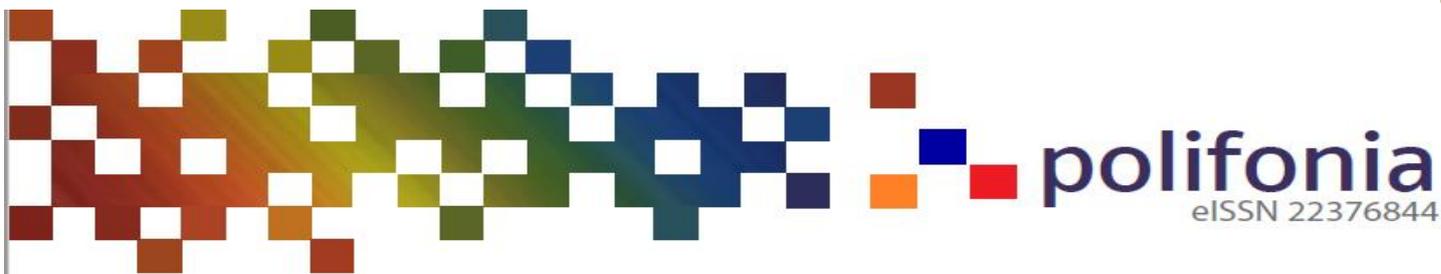
Ainda que, em sua grande maioria, os minicontos sejam considerados narrativos, são encontrados textos que se distanciam totalmente dessa classificação. Devido à liberdade de construção desse gênero, alguns autores produziram minicontos que estão mais próximos de um caráter dissertativo, como expressado no miniconto abaixo:

*“Alzheimer: conhecer novas pessoas todos os dias”*

*Phil Skversky<sup>3</sup>*

Não é possível determinar os elementos constitutivos da narração, o autor traz uma definição do que seja Alzheimer desprendida do conceito científico da doença, por esse motivo, não se pode atribuir que esse miniconto seja narrativo. Pelo contexto, é mais provável

<sup>3</sup> Fonte: <<http://www.revistabula.com/1787-30-contos-de-ate-100-caracteres/>>. Acesso em 08 de nov. 2017



atribuir que ele contenha características diferenciadas de um texto narrativo, possivelmente, por um viés dissertativo.

Diante dessa variação contextual e estrutural permitida na produção de minicontos, Lima (2014) salienta que num processo de caracterização de um gênero faz-se necessária uma explicação mais efetiva do contexto proposto, não se baseando apenas em propriedades descritivas do texto. Dessa maneira, afirma:

[...] não apenas uma análise científica especial pode tornar patentes as diferenças internas que se escondem por trás e são escondidas pelas similaridades externas. Nesse caso, o objetivo da análise que pratica a explicação e não apenas a descrição é identificar as diferenças internas dessas atividades (LIMA, 2014, p.39).

Essa possibilidade de variação caracteriza, também, o miniconto como um gênero que não está vinculado somente a uma proposta única de formatação. É mais fácil identificá-lo em virtude de sua estrutura física (número de palavras ou caracteres) do que definir em qual tipologia textual (narrativa, dissertativa, descritiva, etc.) ele se apresenta.

O miniconto é um gênero que poderá ser usado para se trabalhar com diferentes tipos de textos, priorizando não somente a produção de um texto narrativo, mas promovendo outras possibilidades. Essas possibilidades também acentuam a variação de temas que o gênero pode abarcar, partindo de temáticas voltadas ao cotidiano, à política, às questões sociais e históricas, entre outras. Nos exemplos, a seguir, apresentam-se quatro minicontos retirados do livro *Cem toques cravados*, de Edson Rossato (2012) com temas diversificados:

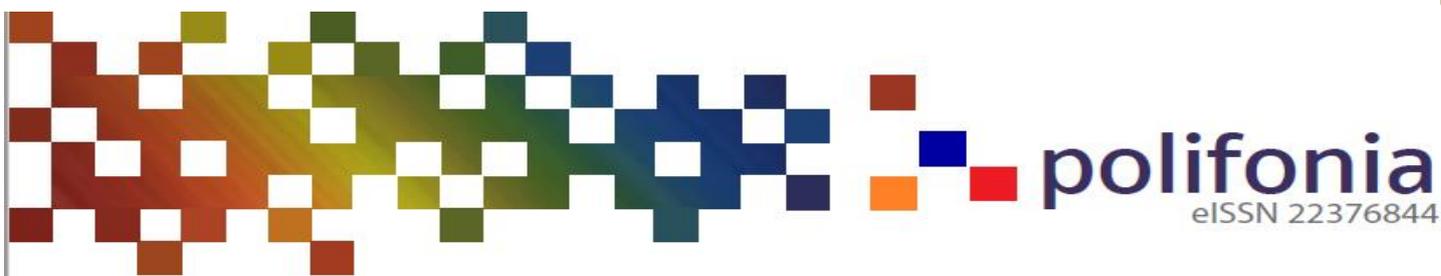
*O vovô detestava que se intromettessem em sua vida. No táxi: “Para onde vai?”.*

*“Não é da sua conta!” (ROSSATTO, 2012, p.33).*

*Malabarismo no farol, flanela no para-brisa, balas na calçada. Deixou de ser criança aos seis anos. (ROSSATTO, 2012, p. 42).*

*Segurou o choro. Da fresta, viu o fuzilamento do pai. Orava para que os nazistas não o encontrassem. (ROSSATTO, 2012, p. 53).*

*Classificado: “Compramos deputados e senadores. Exigimos anos de experiência em votações polêmicas”. (ROSSATTO, 2012, p. 72).*



É possível observar que os temas dos minicontos acima apresentados são diferentes, embora tenham sido construídos pelo mesmo autor. O primeiro apresenta uma situação cômica, tendo como assunto o excessivo comportamento do vovô em não querer dar satisfação de sua vida. O segundo representa uma situação social comum nos faróis das grandes cidades brasileiras, a exploração infantil. O seguinte destaca o sofrimento de uma criança judia ao ver o fuzilamento do pai, trazendo à tona a barbárie nazista e o último, destaca o comportamento de senadores e deputados na aprovação inadequada de medidas políticas.

Esses elementos que se referem à dimensão sociocomunicativa de um gênero permitem a compreensão de como ele funciona na sociedade e a sua relação com os seus leitores e autores, que estão imersos em uma determinada cultura.

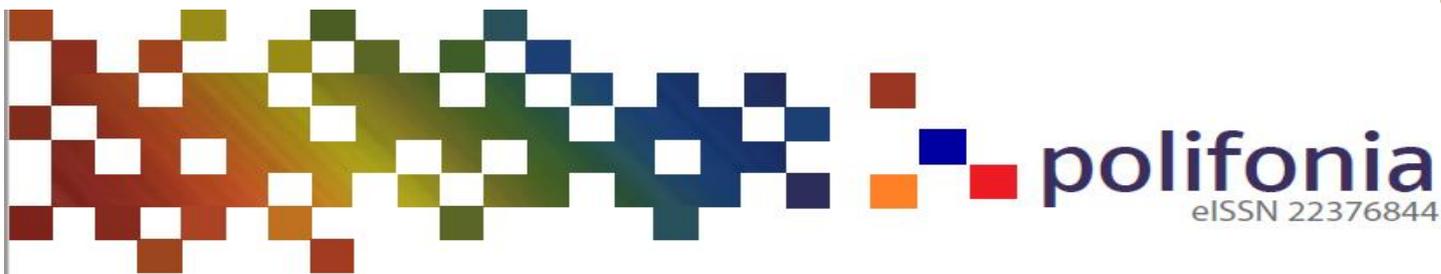
#### **4.2 Os aspectos composicionais do miniconto**

Assim como as características sociocomunicativas analisadas, os aspectos composicionais do miniconto serão examinados a partir das considerações de Lopes-Rossi (2006).

Consoante a autora, as características composicionais se referem aos elementos verbais e não-verbais contidos no gênero. Para a análise das características composicionais desses elementos do miniconto, foram selecionados textos de dois diferentes meios de veiculação: a internet e livros.

A proposta de escolha dos dois veículos utilizados para a produção e leitura de miniconto, justifica-se por serem os mais conhecidos para a divulgação do gênero. Contudo, apesar de haver coletâneas significativas de minicontos em livros, é na internet que esse gênero se tornou mais popular e acessível aos leitores.

O primeiro critério para a investigação refere-se à forma como o texto verbal e não-verbal é apresentado no gênero. Os minicontos, por sua brevidade textual, não apresentam necessariamente um título, são localizados muitos exemplos em que o autor não utiliza esse recurso. Em alguns casos, são encontrados tamanhos de fonte diferenciados para destacar o enredo, estabelecendo uma relação com a medida da fonte e os fatos ocorridos na história, como também, a forma de escrita em alguns minicontos caracteriza o perfil do autor e o



público que se pretende atingir. Os exemplos, a seguir, são usados tamanhos diferenciados de letras para enaltecer a proposta do texto:

Figura 1: Tamanhos diferenciados de letras em minicontos



Fonte: (ROSSATTO, 2012, p. 14).

No segundo exemplo, retirado do *Twitter*, a maneira como são descritos os textos caracteriza a forma de escrever dos aplicativos de mensagens:

Figura 2: Forma de escrita de minicontos em redes sociais.

*Twitter*

*A embalagem dizia "tecnologia q chegou pra facilitar a sua vida". Hoje completou uma semana q ele procura um adaptador q sirva na sua tomada*

Fonte: <sup>1</sup> Fonte: <<https://twitter.com/minicontos/status/797046068919803904>>. Acesso em 16 fev. 2018.

As ilustrações são recursos pouco encontrados na produção de minicontos. Isso se deve, principalmente, à brevidade dos textos que essa leitura traz. Contudo, autores como Rossatto (2012) utilizam recursos visuais que enaltecem o contexto do miniconto.

No exemplo seguinte, Rossatto (2012) apresenta um miniconto cujo formato refere-se à bandeira do Brasil. Consegue-se atribuir a composição da imagem com o texto, promovendo uma leitura tanto imagética quanto verbal para assimilação do contexto proposto. A maneira como as palavras são distribuídas no texto forma a imagem da bandeira brasileira.

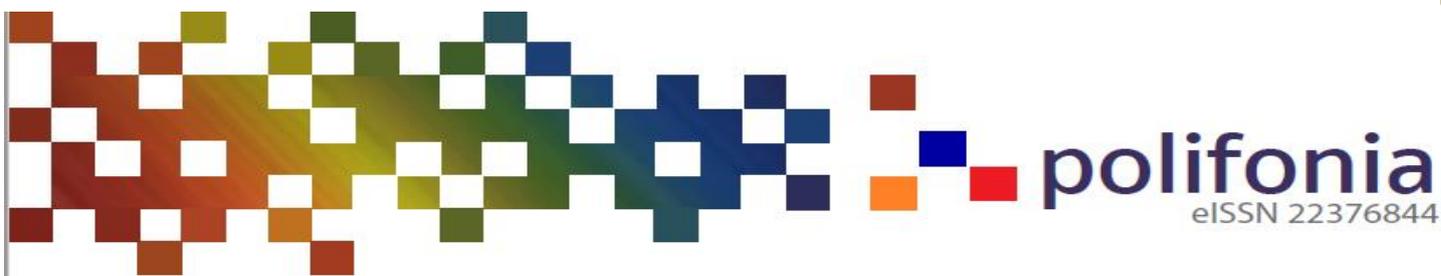


Figura 3: Linguagem imagética de miniconto

No salão de cabeleireiro, a bandeira do Brasil na parede,  
**com os dizeres:**  
 "ORDENADO E PROGRESSIVA!"

Fonte: (ROSSATTO, 2012, p. 15)

Outro fator que se pode destacar quanto à estrutura do miniconto está na quantidade de caracteres utilizados em sua produção. Segundo Mello (apud DANTAS, 2015, p. 63) o número de caracteres determina sua classificação em miniconto, microconto ou nanoconto.

A autora relata que “Muitos autores chamam de minicontos aqueles com até 200 caracteres, microcontos com até 150 caracteres e nanocontos com até 50 caracteres”. Nessa pesquisa, por sua vez, optou-se por nomear, independentemente do número de caracteres, apenas como miniconto, uma vez que o termo miniconto é o mais encontrado tanto em livros como em publicações virtuais.

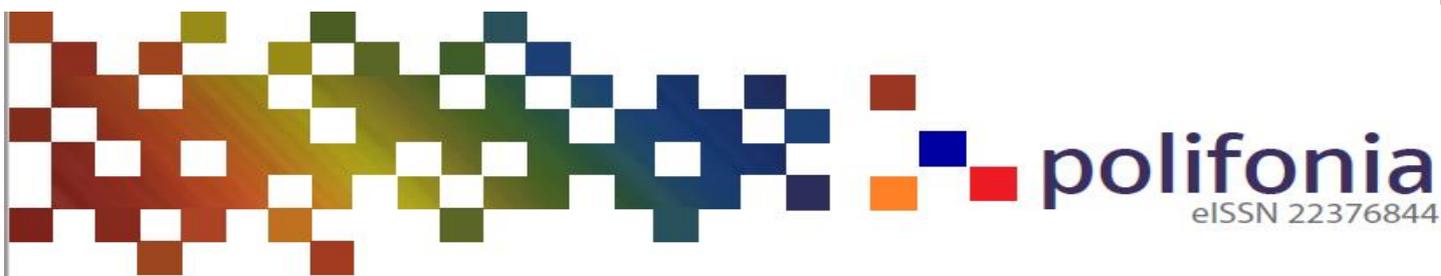
Quanto às características verbais, destacam-se a escolha do léxico, a estrutura sintática e os recursos estilísticos. A seleção de determinadas construções e palavras é primordial para que os autores possam minimizar o texto, contudo, esse recurso não atende somente a essa proposta, isso também se vale a escolha do valor semântico das palavras.

Algumas construções surpreendem pela maneira como são elaboradas, baseando-se no sentido de determinadas palavras. No miniconto a seguir, Luiz Arraes utiliza, assim como no anterior, a palavra Nada para a construção significativa de seu texto.

#### *Quatro letras*

*Nada.* (FREIRE, 2004, p. 79)

Para compreender esse miniconto é necessário observar os valores semânticos que esse termo pode trazer. A ambiguidade com o verbo nadar não se faz presente, o leitor deve corresponder às expectativas de sua compreensão leitora, concentrando-se no sentido de negação que a palavra traz. Dessa forma, é possível salientar que a escolha de léxico, construções de frases e valores semânticos contribuem não somente para a maneira como o Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.41, p. 01-188, janeiro-março, 2019.



escritor de miniconto procederá à construção do seu texto como revelará a sua intencionalidade contextual.

#### 4.3 As relações dialógicas proporcionadas pelos minicontos

Os alunos, quando expostos a textos que exigem relações com temáticas que são desconhecidas por eles, costumam ter dificuldades. Se não houver uma mediação do professor para esclarecer as referências que os autores utilizaram para a produção do miniconto, o aluno não compreenderá o que o texto diz.

Para Fiorin (2016), segundo os estudos de Bakhtin e de seu círculo, todo discurso está permeado por pontos de vista e apreciações de outros discursos. Consequentemente, analisar um texto significa considerar essas outras vozes tão significativas ao entendimento, assim sendo:

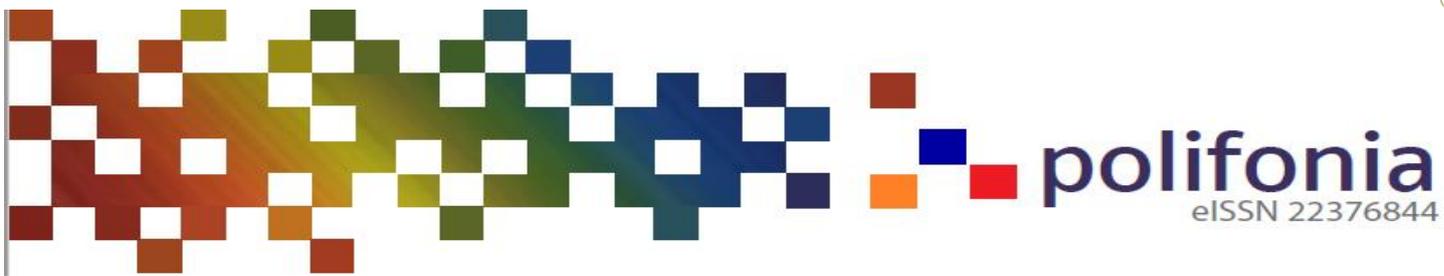
Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (FIORIN, 2016, p. 22).

Essa dependência que há entre os discursos, segundo a teoria bakhtiniana se apresenta a partir de duas forças que influenciam o valor ideológico do discurso. A primeira, chamada de forças centrípetas, “aquelas que atuam no sentido de uma centralização enunciativa do plurilinguismo da realidade” (FIORIN, 2016, p. 34) e as forças centrífugas que “buscam erodir, principalmente pela derrisão<sup>4</sup> e pelo riso, essa tendência centralizada” (FIORIN, 2016, p.34).

Nos minicontos, é comum a ação dessas forças centrífugas agindo sobre a proposta do texto. Um gênero construído, com poucos caracteres, usa dessa possibilidade para compor o sentido ideológico sugerido. Quando é possível reconhecer a relação que há entre um enunciado com outro, consegue-se estabelecer a relação dialógica que há entre eles. Nos minicontos seguintes, observa-se como a construção dos enunciados estabelece uma relação dialógica com outros. A partir dessa relação, são esclarecidas as intenções pretendidas.

---

<sup>4</sup> Derrisão = zombaria.



**Exemplo 4:** *Dizem que felicidade não se compra, mas ele pagou um real e cinquenta nela. E tem gosto de baunilha.* (ROSSATO, 2012, p. 128).

**Exemplo 5:** *Chamaram-no de racista. Entretanto, ele não se importava nem um pouco. Não gostava de brancos mesmo.* (ROSSATO, 2012, p. 147).

**Exemplo 6:** *Provérbio contemporâneo<sup>5</sup>*  
*Vão-se os anéis, ficam os medos.* (WesslenNicácio).

**Exemplo 7:** *Eu escolhi paixão. Agora sou pobre.* (Kathleen E Whitlock)<sup>6</sup>.

Cada um dos exemplos usa de recursos de outros enunciados para que sejam compostas as relações entre o enunciado já conhecido e sua nova versão. De maneira, que o leitor possa correlacionar a construção do novo por intermédio do anterior.

A relação dialógica representada faz-se essencial para que o texto seja compreendido não somente em se tratando da compreensão textual em si, mas para que de fato, torne-se algo de provocativo no leitor. No quadro a seguir, serão analisadas as relações dialógicas dos exemplos apresentados:

**Quadro:** Relações dialógicas

	<b>Contexto referente.</b>	<b>Sugestão de relação dialógica.</b>
Exemplo 4	<p><i>Dizem que felicidade não se compra, mas ele pagou um real e cinquenta nela. E tem gosto de baunilha</i> (ROSSATO, 2012, p. 128).</p> <p>“A felicidade não se compra”. Frase costumeiramente usada para designar que a felicidade não pode ser comprada, ou seja, ser feliz não está vinculado apenas a ter boas condições financeiras ou não.</p>	<p>O autor satiriza o texto em que se refere, provocando no leitor uma reação contrária à proposta inicial. Pelo contexto, há determinadas coisas que se forem compradas trazem felicidade. Para que o leitor possa compreender a ideia representada, é necessário haver essa interação. Caso contrário, o autor não sentirá a presença de humor no texto.</p>

<sup>5</sup> Fonte: <<http://www.minicontos.com.br/?apid=6738&tipo=2&dt=0&wd=&titulo=Prov%20E9rbio%20Contempor%20neo>>. Acesso em 25 de set. 2017.

<sup>6</sup> Fonte: <<https://quemdisse.com.br/especial/melhores-mini-contos-de-ate-100-caracteres/80CTMC054TURPS1C66SN/>>. Acesso em 25 de set. 2017.

Exemplo 5	<p><i>Chamaram-no de racista. Entretanto, ele não se importava nem um pouco. Não gostava de brancos mesmo</i> (ROSSATO, 2012, p. 147).</p> <p>Na primeira frase: Chamaram-no de racista, já se desperta no leitor a alusão de que se trata de um texto em que visa tratar de um assunto polêmico e que desperta grande comoção.</p>	<p>Para que o leitor possa ter uma visão antagônica do texto, é inevitável que ele faça a correspondência com outros enunciados em que o racismo é tratado como uma forma preconceituosa de ver o negro como inferior ao branco. Quando, ao finalizar o conto, o leitor percebe que o ato racista se refere ao branco e não ao negro, ele consegue entender qual a intencionalidade do autor.</p>
Exemplo 6	<p><i>Provérbio contemporâneo</i> <i>Vão-se os anéis, ficam os dedos</i> (WesslenNicácio).</p> <p>O texto faz referência ao provérbio vão-se os anéis, ficam os dedos. Cujo significado indica que se deve dar mais atenção ao que se tem do que aquilo que foi perdido.</p>	<p>O miniconto traz uma construção muito próxima ao texto original. O leitor, tendo o texto anterior como referente, estabelece uma comparação entre eles, todavia, o sentido se altera. Enquanto no primeiro há a demonstração de que mesmo com a perda é possível recomeçar, o outro evidencia as marcas que essa perda pode causar.</p>
Exemplo 7	<p><i>Eu escolhi paixão. Agora sou pobre</i> (Kathleen E Whitlock).</p> <p>O texto faz referência a um comportamento de pessoas que pretendem se casar por interesse.</p>	<p>Em consonância as considerações sociais de que o casamento é um negócio. A autora tem como proposta ressaltar de maneira irônica que escolher alguém pelo impulso da paixão não traz bons resultados financeiros.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores

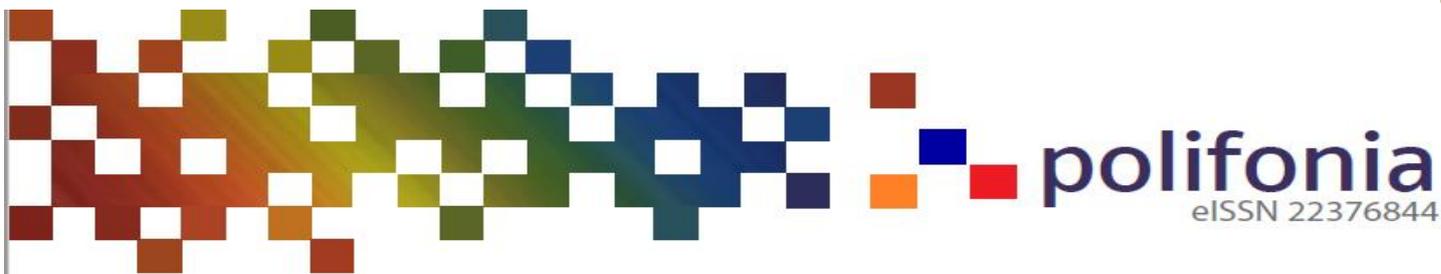
No quadro, propõe-se considerar algumas reflexões sobre uma possibilidade de compreensão dos textos, a partir de suas relações dialógicas. Contudo, assim como afirma Marcuschi (2008, p. 231), “compreender é uma atividade colaborativa que se dá na interação entre autor-texto-leitor ou falante-texto-ouvinte, podem ocorrer desencontros”. Dessa forma, o que se pretende não é padronizar como esses minicontos devem ser compreendidos, e sim, sugerir uma forma de interpretação que não se distancie da intencionalidade do autor. Assim como bem salienta Fiorin (2009, p. 49):

[...] os limites da interpretação não permitem que, no processo de leitura, se façam associações livres ou que se considerem simbólicas as unidades isoladas. [...] buscam-se conexões internas ao texto e vinculações com outros textos e discursos, e são essas relações que produzem a significação e controlam leituras possíveis.

### Considerações Finais

No desafio de promover uma interpretação dos minicontos, o professor pode mediar à compreensão dos textos, para que os alunos não façam interpretações livres e

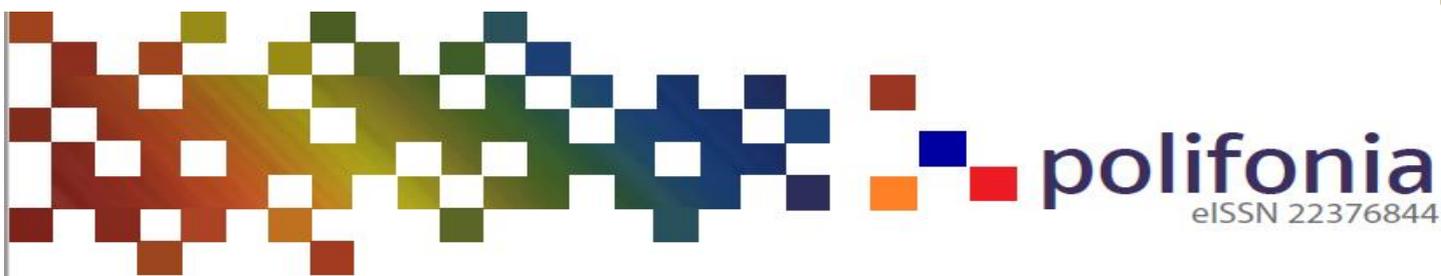
Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.41, p. 01-188, janeiro-março, 2019.



descontextualizadas. Isso se faz necessário, principalmente, quando o aluno não consegue estabelecer as relações dialógicas que os enunciados podem trazer, e que são essenciais para o entendimento do texto e, ao mesmo tempo, necessários para uma formação leitora crítica a partir desse gênero.

## Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- BERNARDI, F. **As bases da literatura brasileira**. Porto Alegre: AGE, 1999.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2.ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.
- BRANDÃO, H. N. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: CHIAPPINI, L.(Org.). **Gêneros do discurso na escola: Mito, Conto, Cordel, Discurso Político, Divulgação Científica**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 17-46.
- DANTAS, C.S.B. **Minicontos: uma prática de letramento emergente na escola**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2015.
- DIAS, A.V.M.; MORAIS, C.G.; PIMENTA, V.R; SILVA, W.B. Minicontos multimodais: reescrevendo imagens cotidianas. In: ROJO, R.; ALMEIDA, E.M. e organizadores. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012, p. 75-94.
- FERRAZ, G. G. As histórias de um parágrafo. **Língua Portuguesa**. São Paulo. Ano 2, n. 21, 2007, p. 38-39.
- FIORIN, J.L. Leitura e Dialogismo. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania. M.K. (Org.). **Escola e Leitura:velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Introdução aos pensamentos de Bakhtin**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FREIRE, M. **Os cem menores contos brasileiros do século**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- LIMA, A.P. Procedimentos teórico-metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco. In: BRAIT, B.; MAGALHÃES, A.S. (Org.). **Dialogismo: teoria e (m) prática**. São Paulo: Terracota, 2014.



- LOPES-ROSSI, M. A. G. Procedimentos para estudo de gêneros discursivos da escrita. **Revista Intercâmbio**. São Paulo: LAEL/PUC-SP, v.15, 2006.
- MARCHI, D.M. Dalton Trevisan: \_Ah, é?. **Ciências e Letras**. Porto Alegre: FAPA, v. 34, 2003, p. 83-92.
- MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 228-243.
- MELO, R. O discurso como reflexo e refração e suas forças centrífugas e centrípetas. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 235-264.
- ROSSATTO, E. **Cem toques cravados**. São Paulo: Editora Europa, 2012.
- SANCHES NETO, M. **Biblioteca Trevisan**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 35-60.
- SILVA, G.F.P. **O Twitter como um novo gênero digital para o ensino de língua materna a partir de uma análise textual e discursiva do gênero literário microconto**. 2013, 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2013.
- SOBRAL, A. Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de análise. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.1, n. 1, 2009. p. 85-103.
- SPALDING, M. **Os cem menores contos brasileiros e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- \_\_\_\_\_. Presença do miniconto na literatura brasileira. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 7, n. 8, \_\_\_\_\_ 2012. \_\_\_\_\_ Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55443/33705>>. Acesso em 25 abr. 2017.
- WACHOWICZ, T.C. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.